

ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS PARA A INCLUSÃO E EQUIDADE EM GÊNERO E SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

Nickolas Luiz de Andrade Almeida¹, Gabriel Santos de Castro² e Lima e Sergio Roberto Silveira³

¹ Mestre em Ciências pela Escola de Educação Física e Esporte (EEFE-USP). E-mail: nickolasandrade@usp.br

² Doutorando em Educação Física (USP). E-mail: gabrielpslima@usp.br

³ Professor Associado ao Departamento de Pedagogia do Movimento do Corpo Humano (EEFE-USP). E-mail: sslveira@usp.br

RESUMO

A Educação Física Escolar (EFE) constitui-se como um espaço marcado pelas pluralidades e singularidades dos estudantes; contudo, frequentemente não promove inclusão e equidade em relação às questões de gênero e sexualidade, resultando na marginalização de meninas e da comunidade LGBTQIA+. Essa problemática é frequentemente agravada pela falta de conhecimentos pedagógicos e de formação inicial adequada dos professores para abordar essas temáticas. Diante dos aspectos deficientes na formação de professores e as questões de exclusão social na EFE, o objetivo deste estudo foi analisar as estratégias empregadas por professores e pesquisadores da área da EFE cujas intervenções promoveram ambientes mais inclusivos e equitativos em relação ao gênero e à sexualidade. A metodologia consistiu em uma revisão sistemática da literatura, utilizando o guia PRISMA e os descritores “Educação Física Escolar AND Inclusão OR Exclusão AND Sexualidade” em nove bases de dados, considerando estudos publicados entre 2017 e 2025, em português e inglês. Dos 424 registros inicialmente identificados, seis estudos de intervenção foram selecionados para análise temática. As estratégias foram organizadas em duas frentes: (1) intervenções na formação docente e (2) intervenções na prática escolar. As ações formativas envolveram a elaboração de currículos e o uso de conceitos e recursos audiovisuais para sensibilizar futuros professores. Já na prática escolar destacaram-se o diálogo entre professor e estudantes, a utilização de conteúdos transversais, a introdução de atividades físicas não tradicionais e discussões em grupo para problematizar estereótipos de gênero e comportamentos heteronormativos. Conclui-se que a ampliação das práticas corporais e uma formação docente abrangente são fundamentais para a construção de ambientes mais inclusivos na EFE.

PALAVRAS-CHAVE: educação inclusiva; gênero; práticas corporais; formação docente.

ESTRATEGIAS PEDAGÓGICAS PARA LA INCLUSIÓN Y LA EQUIDAD EN GÉNERO Y SEXUALIDAD EN LA EDUCACIÓN FÍSICA ESCOLAR: UNA REVISIÓN SISTEMÁTICA

RESUMEN

La Educación Física Escolar (EFE) constituye un espacio marcado por las pluralidades y singularidades de los estudiantes; sin embargo, con frecuencia no promueve la inclusión y la equidad en relación con las cuestiones de género y sexualidad, lo que resulta en la marginación

de las niñas y de la comunidad LGBTQIA+. Esta problemática suele verse agravada por la falta de conocimientos pedagógicos y de formación inicial adecuada por parte de los docentes para abordar estas temáticas. Dadas las deficiencias en la formación del profesorado y los problemas de exclusión social en la Educación Física, el objetivo de este estudio fue analizar las estrategias empleadas por profesores e investigadores del área de la EFE cuyas intervenciones promovieron ambientes más inclusivos y equitativos en relación con el género y la sexualidad. La metodología consistió

en una revisión sistemática de la literatura utilizando la guía PRISMA y los descriptores “School Physical Education AND Inclusion OR Exclusion AND Sexuality” en nueve bases de datos, considerando estudios publicados entre 2017 y 2025 en portugués e inglés. De los 424 registros inicialmente identificados, seis estudios de intervención fueron seleccionados para el análisis temático. Las estrategias se organizaron en dos enfoques principales: (1) intervenciones en la formación docente y (2) intervenciones en la práctica escolar. Las acciones formativas incluyeron la elaboración de currículos y el uso de conceptos y recursos audiovisuales para sensibilizar a los futuros docentes. En la práctica escolar se destacaron el diálogo entre profesor y estudiantes, el uso de contenidos transversales, la introducción de actividades físicas no tradicionales y discusiones grupales para problematizar estereotipos de género y comportamientos heteronormativos. Se concluye que ampliar el repertorio de prácticas corporales y fortalecer la formación docente son aspectos fundamentales para construir entornos más inclusivos en la EFE.

Palabras clave: educación inclusiva; género; prácticas corporales; formación docente.

PEDAGOGICAL STRATEGIES FOR INCLUSION AND EQUITY IN GENDER AND SEXUALITY IN SCHOOL PHYSICAL EDUCATION: A SYSTEMATIC REVIEW

ABSTRACT

School Physical Education (SPE) is a space characterized by the pluralities and unique characteristics of students; however, it often fails to promote inclusion and equity regarding

gender and sexuality issues, resulting in the marginalization of girls and the LGBTQIA+ community. This issue is often aggravated by teachers' lack of pedagogical knowledge and insufficient initial training to address these themes. Given the shortcomings in teacher training and the issues of social exclusion in SPE, the objective of this study was to analyze the strategies employed by teachers and researchers in the field of SPE whose interventions promoted more inclusive and equitable environments regarding gender and sexuality. The methodology consisted of a systematic literature review using the PRISMA guidelines and the descriptors “School Physical Education AND Inclusion OR Exclusion AND Sexuality” across nine databases, considering studies published between 2017 and 2025 in Portuguese and English. From the 424 records initially identified, six intervention studies were selected for thematic analysis. The strategies were organized into two main approaches: (1) interventions in teacher education and (2) interventions in school practice. Training actions included the development of curricula and the use of conceptual and audiovisual resources to raise awareness among future teachers. In school practice, emphasis was placed on teacher-student dialogue, the use of transversal content, the introduction of non-traditional physical activities, and group discussions to problematize gender stereotypes and heteronormative behaviors. It is concluded that expanding the repertoire of bodily practices and comprehensive teacher training are fundamental for building more inclusive environments in SPE.

Keywords: inclusive education; gender; bodily practices; teacher education.

1. INTRODUÇÃO

A Educação Física Escolar (EFE) é uma disciplina repleta de individualidades, pluralidades e características únicas de estudantes que deverão participar de um plano pedagógico que vise a inclusão e a equidade de todos, pensando nas práticas por gênero, temos as meninas, que são frequentemente distanciadas das práticas corporais, e a comunidade LGBTQIA+ (Louro, 1997; 2000; Goellner, 2010).

Pensando nos processos de equidade de gênero que devem ser geridos no campo escolar, entendemos sua definição como: “Equidade é garantir que existe uma preocupação com justiça/processos justos, de modo que a educação de todos os estudantes seja considerada como de igual importância.” (UNESCO, 2019).

A discussão inicia-se nos aspectos da construção social e cultural de gênero a partir das concepções das historiadoras feministas Simone de Beauvoir (1967), Judith Butler (1988) e Joan Scott (1995), nesse contexto difundiu-se o conhecimento inicial sobre o que entenderíamos hoje por gênero, sexualidade, sexo e orientação sexual. A escola, como sendo uma das instituições que reprime e molda nossos comportamentos (Foucault, 1988) também faz parte do desenvolvimento dessa identidade.

De acordo com Louro (1997, p. 61):

Gestos, movimentos, sentidos são produzidos no espaço escolar e incorporados por meninos e meninas, tornam-se parte de seus corpos. Ali se aprende a olhar e a se olhar, se aprende a ouvir, a falar e a calar; se aprende a preferir. Todos os sentidos são treinados, fazendo com que cada um e cada uma conheça os sons, os cheiros e os sabores ‘bons’ e decentes e rejeite os indecentes; aprenda o que, a quem e como tocar (ou, na maior parte das vezes, não tocar); fazendo com que tenha algumas habilidades e não outras (...)

Visando promover uma educação inclusiva em gênero e sexualidade, temos que identificar meios para que a escola possa desconstruir os estigmas e preconceitos do sistema heteronormativo. Para isso, documentos oficiais sugerem que essa temática seja abordada de modo transversal nas instituições educacionais, a exemplo dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), que possuem um capítulo específico para a orientação sexual (Brasil, 1997).

O panorama do tema no Brasil e no mundo perpassa por dificuldades dos professores em abordar o assunto, seja por negligência pessoal ou a falta de preparo durante sua jornada na formação inicial. Diversos estudos das últimas décadas destacam que os docentes apontam uma carência de conhecimento pedagógico para discutir gênero em sala de aula (Ferreira; 2015; Campos, 2021; Herrick; Duncan, 2022; Gomes; Neves Júnior, 2024), para além da EFE, demais disciplinas também relatam essa mesma dificuldade.

Enquanto não concebemos docentes capazes de reconhecer as violências de gênero e sexualidade na escola, acompanhamos o problema da exclusão social em distintas disciplinas, especialmente na EFE, que trata do corpo e seus aspectos. As exclusões, segundo Dévis-Dévis et al. (2017), Thorjussen (2020), Lima, Pessoa e Pereira (2022) e Silva e Werle (2024) consistem em imposições de práticas por gênero, discriminações devido a habilidade motora dos praticantes e a falta de diversidade nas atividades propostas.

Assim sendo, há a necessidade de identificar ao longo dos últimos anos as estratégias utilizadas por professores/pesquisadores para a inclusão e equidade em gênero e sexualidade na EFE. As identificações servirão como base para o pensamento de desconstrução nos cursos de preparação profissional em Educação Física e Esporte, para o conhecimento específico sobre gênero

e a para equidade social na educação básica.

A partir das concepções citadas anteriormente, o objetivo central desse estudo foi analisar as estratégias utilizadas por professores/pesquisadores da área da EFE em que as intervenções propiciaram um ambiente mais inclusivo e equitativo no que tange às questões de gênero e sexualidade.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Conceito de gênero e sexualidade

A história acerca das questões de gênero se inicia no final do século XIX, a partir do movimento sufragista que buscava alguns direitos para as mulheres como o voto e acesso à educação, esta é considerada a primeira onda do feminismo (Monteiro; Grubba, 2017). Nos anos 1960-1990, com a segunda onda, buscava-se a visibilidade feminina em sociedade e academia, criticando a ciência chamada neutra (Silva; Carmo; Ramos, 2021).

Nesta fase, nos deparamos com a ascensão de autoras como Simone de Beauvoir e a publicação de sua obra “O segundo sexo: A experiência vivida” e Judith Butler, com “Performative Acts and Gender Constitution: An essay in phenomenology and feminist theory”, ambas buscaram, em um primeiro momento, desconstruir a concepção biologizante de gênero e apontar os meios para identificá-lo com uma construção social.

Beauvoir (1967, p. 9) afirma: “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher”, nos convidando a compreender as questões de construção da identidade feminina ao longo do tempo e através de uma série de aspectos socioculturais que corroboram com essa construção. Butler (1988) descreveria a relação entre a cultura estabelecida em certo espaço e como os atos são consolidados através do tempo.

A partir da década de 90, com a terceira onda do feminismo, encontramos a interseccionalidade entre gênero, raça, classe e sexualidade, rompendo com a visão homogênea do que significaria ser mulher, a teoria queer e o movimento punk feminino (Silva; Carmo; Ramos, 2021).

A concepção mais conhecida de gênero – e talvez mais acreditada –, surge com a historiadora Joan Scott (1995), definido gênero como (p. 13): “Gênero é um meio de decodificar o sentido e compreender as relações complexas entre diversas formas de interação humana.” Assim, ao longo da história das questões de gênero, perpassando pelas lutas das mulheres até hoje incorporando o feminismo nas lutas raciais e de orientação sexual.

Figueiró (2007) defende que não se nasce homossexual, mas torna-se. O tornar-se aqui é similar às concepções de Beauvoir (1967), portanto, o termo não se trata de um sinônimo de ‘escolha’, mas sim, a relação que o multiculturalismo, família e história de vida pessoal pode conceber na construção da identidade sexual humana.

Nesse sentido, Louro (2000) compreende que a sexualidade seria o modo que vivemos nossos prazeres e desejos, e, ainda, a vivência sexual é influenciada pelo meio cultural, a partir dos discursos que são feitos sobre ela e como deve ser vivida mediante a ótica dos demais sujeitos da sociedade.

As categorias foram inventadas posteriormente em razão de distinguir os indivíduos, assim, para buscar definir a homossexualidade, colocou-se em pauta a heterossexualidade, essa que separaria os indivíduos que se interessam no sexo oposto (Katz, 1996; Weeks, 2000). Apesar dessas definições e contextualizações, a sociedade ainda possui receios acerca da construção da identidade dos sujeitos, especialmente as crianças.

Louro (1997) coloca em destaque como

as instituições de poder buscam ‘proteger’ as crianças de uma certa perversidade das questões sexuais, entretanto, ainda que a escola se preocupasse em vigiar a sexualidade dos alunos, como se os recém-nascidos fossem ‘pequenos heterossexuais’ (Britzman, 1996).

Ao longo da história da sexualidade, apesar de seus avanços, ainda é visto certa incipiência principalmente pensando na questão de estudos de identidade de gênero, no que tange os sujeitos cis e transsexuais. Santos e Silva (2021) e Silva e Marani (2022) destacam como essa temática ainda não está presente em sua totalidade nos cursos de formação inicial, tópico fundamental que abrange esse estudo.

2.2 Formação inicial em educação física sobre gênero e sexualidade

A graduação em Educação Física e Esporte, que se insere no contexto da universidade, deve conter em seu curso os três pilares da educação superior: ensino, extensão e pesquisa (Tani, 2011). Tani (2011) afirma que ainda a Educação Física é incipiente na questão da pesquisa científica e desenvolvimento do conhecimento próprio, sem advir de outras áreas, como Psicologia, Medicina, Antropologia, dentre outras.

Visto isso, a graduação na área era, segundo Silveira (2019), pautada em ensinar as habilidades motoras que os futuros professores deverão saber executar com perfeição, por exemplo, o atletismo, ginástica, futebol, basquetebol, handebol, e demais modalidades esportivas.

A partir dos anos 80, os alunos deveriam aprender didaticamente como ensinar modalidades esportivas e demais manifestações da cultura de movimento (Silveira, 2019). Percebemos aqui, como a formação inicial perpassou por ondas de desenvolvimento das quais ainda não se pensava em como incluir grupos periféricos nas aulas, como pessoas com

deficiência, alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e como enfoque desse estudo, indivíduos que se enquadram nas questões de gênero e sexualidade (meninas e comunidade LGBTQIA+).

Dada a crise de identidade constatada nesse período (Hunger et al., 2009; Tani, 1991; 1996; 2011; Silveira, 2019), alguns autores propuseram formas de identificar o objeto de estudo da Educação Física e Esporte, Tani (1991; 1996) compreendeu a Educação Física em quatro aspectos: como área de conhecimento, como curso de preparação profissional, como disciplina acadêmica e como profissão.

De acordo com Hunger et al. (2009), em relação ao conhecimento sobre o corpo, de modo geral, sempre recaiu em seu aspecto biológico, contudo o projeto pedagógico deve ser repensando e necessita também de discussões acerca dos aspectos filosóficos que tangem o corpo, considerando a realidade do campo de atuação profissional, o desenvolvimento e a construção de identidade sexual das crianças.

As evidências sobre a falta de preparo de professores para discutir gênero e sexualidade na escola são diversas, e justifica-se visto que durante a formação inicial, não foram preparados de forma teórico-prática para lidar com essas questões (Silva, 2019; Martins, 2021; Matos, 2021).

Esse preparo na formação de professores é fundamental para a inclusão e equidade em gênero e sexualidade na EFE, a exclusão social identificada no espaço escolar, abrange tópicos como: segregação de gênero e orientação sexual, imposição de práticas por sexo e falta de diversidade de práticas propostas (Dévis-Dévis et al., 2017; Storr et al., 2021; Herrick; Baum; Duncan, 2022; Lima; Pessoa; Pereira, 2022).

O professor deve servir como agente de prevenção às discriminações e estigmas em todos os parâmetros, além de promover, não

só pensando na EFE, mas no dinamismo de toda a instituição escolar, meios para que as questões de gênero e sexualidade sejam levadas em conta de modo transversal, assim como se sugere nos documentos oficiais, por exemplo, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) sobre orientação sexual (Brasil, 1997; 2017).

3. METODOLOGIA

A pesquisa possui cunho qualitativo, exploratório e descritivo, sendo que estudos qualitativos possuem o intuito de entender o porquê dos fenômenos analisados, permitindo a criação de hipóteses e não se atendo especificamente nos dados numéricos. O método exploratório facilita a familiarização com o tema, tornando-o mais explícito (Gil, 2002).

O procedimento utilizado foi uma revisão sistemática da literatura sem o uso de metanálise. Os métodos para esse tipo de estudo são, de acordo com Galvão e Pereira (2014, p. 183):

Os métodos para elaboração de revisões sistemáticas preveem: (1) elaboração da pergunta de pesquisa; (2) busca na literatura; (3) seleção dos artigos; (4) extração dos dados; (5) avaliação da qualidade metodológica; (6) síntese dos dados (metanálise); (7) avaliação da qualidade das evidências; e (8) redação e publicação dos resultados.

Utilizou-se a lista de checagem Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses (PRISMA) como aporte para conduzir os passos a serem seguidos, gerando maior confiabilidade nos dados produzidos (Page et al., 2021). Além disso, o estudo está registrado na plataforma International Prospective Register of Ongoing Systematic Reviews (PROSPERO) com o seguinte código: CRD420251009122.

Os critérios para a seleção dos estudos considerados elegíveis para a presente pesquisa foram:

- Estudos de intervenção dos quais a população de intervenção foram futuros professores, docentes de Educação Física e/ou alunos de EFE.
- Estudos completos realizados no período de 2017 e 2025, escritos em português ou inglês.
- Estudos onde houve intervenções ativas realizadas pelo pesquisador em prol da promoção da inclusão e/ou equidade em gênero e sexualidade.
- Não foram selecionados estudos dos quais a intervenção não propôs uma solução ou desfecho para uma problemática, por exemplo, entrevistas e questionários com professores e/ou alunos que somente identificaram uma situação-problema.

Os descritores utilizados foram: “Educação Física escolar E Inclusão OU Exclusão E Sexualidade”, traduzido também ao inglês como “School Physical Education AND Inclusion OR Exclusion AND Sexuality” nas seguintes bases de dados: Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD), Catálogo Coletivo das Bibliotecas da USP (DEDALUS), Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) Periódicos, Educational Resources Information Center (ERIC), Google Acadêmico, Latin American and Caribbean Health Sciences Literature (LILACS), Scientific Electronic Library Online (SciELO), Scopus e Social Science Citation Index (SSCI).

As bases de dados apresentadas foram consultadas pela última vez, nas seguintes datas respectivamente: BDTD em 12 de março de 2025; Google Acadêmico em 14 a 18 de março de 2025; LILACS em 19 de março de 2025; Capes Periódicos em 19 a 21 de março de 2025; SSCI em 21 de março de 2025; Scopus em 22 de março de 2025; ERIC em 02 de maio de 2025; SciELO em 05 de maio de 2025; e DEDALUS em 06 de maio de 2025.

Como estratégia de busca, foi realizada uma pesquisa avançada a partir dos descritores supracitados, considerando um recorte temporal de oito anos (2017-2025). A escolha desse recorte se deu através de fases: 1) análise ampla de dados a partir de um recorte temporal de 5 anos, onde houve um número pequeno de publicações a serem investigadas; 2) recorte de 8 anos para maior abrangência de estudos; 3) aumento para um recorte de 10 anos, que não foi possível perceber uma diferença explícita na quantidade de estudos relacionados ao tema visto a emergência da temática; 4) decisão final por um recorte de 8 anos, a partir de 2017, ano da promulgação da BNCC.

A análise de dados utilizada foi a análise temática, segundo Braun e Clarke (2006; 2021), sendo útil para verificar padrões de resultados nas análises a partir de seis passos: 1. Familiarizar-se com os dados coletados; 2. Gerando códigos iniciais; 3. Procurando por temas; 4. Revisando temas; 5. Definindo e nomeando temas; 6. Produzindo o relatório.

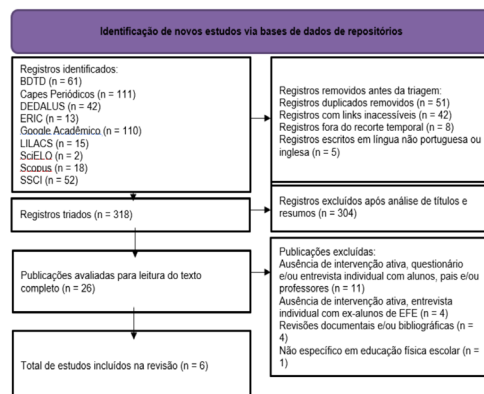
Para garantir o processo de seleção e codificação dos estudos e temas, além do autor principal do estudo, os coautores e orientador realizaram o procedimento de análise de títulos e resumos a fim de obter uma maior qualidade na inclusão final.

Através da revisão sistemática realizada, seguindo o guia PRISMA para revisões, foi encontrado o total de 424 pesquisas que se encaixaram nos descritores selecionados, dos quais foram selecionados para análise de títulos e resumos 318 (75%) estudos. Após a revisão dos títulos e resumos dos trabalhos, foram incluídos 26 (8%) estudos para a leitura completa, restando 6 (23%) estudos para a análise final (Gerdin; Mooney, 2019; Lisaunter et al., 2022; Fonseca; Cardozo; Oliveira, 2023; Silveira, 2023; Gerdin; Schenker; Linnér, 2024; Pereira; Ferreira, 2024).

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

O fluxograma a seguir delimita como se procedeu o processo de seleção dos artigos.

Figura 1 - Modelo de fluxograma PRISMA 2020 para revisões sistemáticas.



Fonte: Adaptado de Page et al. (2021).

O quadro 1 descreve resumidamente a partir da análise temática (Braun; Clarke, 2006; 2021) o objetivo de cada estudo incluído e seu respectivo desfecho.

Quadro 1 – Relação entre objetivos e desfechos encontrados nos estudos incluídos.

Ano	Autores	Objetivo	Desfecho
2019	Gerdin e Mooney	Interrogar os "jogos da verdade" que os meninos negociam em suas experiências em Educação Física, esporte e cultura escolar em geral.	O prazer demonstrou ser o objeto que (re)produz a heteronormatividade e a desigualdade entre os alunos, colocando aqui a necessidade de desconstrução.
2022	Lisaunter et al.	Analisar o papel dos órgãos de ensino da Educação Física e como podem trabalhar a conscientização e educação Intersexo.	O projeto transversal promoveu uma compreensão positiva sobre a intersexualidade em espaços educacionais, currículos e pedagogias, diretrizes e políticas.
2023	Fonseca, Cardozo e Oliveira	Problematicar os processos de inclusão/exclusão envolvendo questões de gênero, que emergiram nas aulas de EFE.	A coeducação onde meninas e meninos compartilham espaços, experiências e potencializadas pelas diferenças.
2023	Silveira	Investigar uma ação sistemática e contínua na formação de professores de EFE para a futura atuação com atendimento a equidade e diversidade.	As ações de desconstrução do conceito de gênero, sensibilizações e práticas aproximaram os alunos da realidade do campo profissional e a atuação pela inclusão e a eliminação de preconceitos. Os professores desenvolveram pedagogias que visavam criar:
2024	Gerdin, Schenker e Linnér	Fornecer compreensão de como professores suecos de EFE (podem) implementar valores de inclusão, equidade na prática.	(1) "condições para a construção de relacionamentos"; (2) "envolvimento contínuo de professores e alunos"; (3) "envolvimento e reflexão dos alunos"; e (4) "conexões com e dentro do assunto".
2024	Pereira e Ferreira	Compreender as experiências de estudantes com as aulas e construir uma ação de enfrentamento das relações opressoras de gênero.	Os resultados são apresentados em dois temas: ampliando a compreensão sobre marginalização das meninas, e construindo novas aprendizagens para todos(as) com as práticas esportivas.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Dentre os estudos incluídos, definimos as estratégias introduzidas para a inclusão e equidade em gênero e sexualidade divididas por duas frentes: 1) Estudos que realizaram intervenções na informação inicial e/ou continuada na área da Educação Física e Esporte, promovendo o conhecimento teórico-prático para professores e/ou futuros professores de EFE; 2) Estudos que realizaram intervenções diretamente na escola, espaço esse que é acentuado por discriminações e exclusões, assim, os estudos buscaram solucionar uma problemática da realidade analisada.

Os estudos que intervíram na formação de professores foram: Lisahunter et al. (2022), Silveira (2023) e Gerdin, Schenker e Linnér (2024). Os estudos que intervíram diretamente no espaço escolar foram: Gerdin e Mooney (2019), Fonseca, Cardozo e Oliveira (2023) e Pereira e Ferreira (2024).

Quadro 2 – Modelo simplificado das estratégias utilizadas pelos pesquisadores.

Ano	Autores	Estratégia
2019	Gerdin e Mooney	Observações iniciais e desconstrução de preconceitos e estigmas em gênero e sexualidade na EFE através de discussões em grupo.
2022	Lisahunter <i>et al.</i>	Construção de um currículo pedagógico na graduação que seja pensado na inclusão e equidade de gênero e sexualidade na EFE.
2023	Fonseca, Cardozo e Oliveira	Aplicação de conteúdos de ensino para desconstruir as questões de gênero e sexualidade nas aulas de EFE.
2023	Silveira	Aplicação de temas transversais ou como conteúdo de ensino para desconstruir as questões de gênero e sexualidade na graduação.
2024	Gerdin, Schenker e Linnér	Construção de um currículo pedagógico na formação continuada que seja pensado na inclusão e equidade de gênero e sexualidade na EFE.
2024	Pereira e Ferreira	Observações iniciais e desconstrução de preconceitos e estigmas em gênero e sexualidade na EFE através de práticas corporais e discussões em grupo.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Os estudos incluídos na revisão sistemática centraram suas estratégias em dois momentos: a formação do Professor de Educação Física e a atuação do Professor de Educação Física, ambos pensando na inclusão e equidade de gênero e sexualidade na EFE. As discussões aqui apresentadas buscarão associar a literatura acadêmica e as estratégias proporcionadas por cada estudo.

Dentre os estudos que formam professores (Lisahunter et al., 2022; Silveira, 2023; Gerdin; Schenker; Linnér, 2024), Lisahunter et al. (2022) e Gerdin, Schenker e Linnér (2024) propiciaram um programa curricular de semanas sobre questões de gênero e a sexualidade no ambiente escolar, a partir de propostas advindas dos próprios estudantes com posters e debates sobre a linguagem acessível diante das identidades representadas na instituição escolar.

O cuidado deve ser fundamental pensando em identificar as violências e a pré-existência de um sexismo na realidade analisada, visto que há outros motivos para discriminações já apresentados, como por exemplo, a habilidade motora insatisfatória (Sousa; Altmann, 1999; Chan-Vianna; Moura; Mourão, 2010; Matos et al., 2016; Lins, 2018).

Na percepção de identidades não cisgênero, também devemos reconhecer a importância que deve ser atribuída a comunicação clara e o respeito com os pronomes que os sujeitos solicitam que sejam chamados (Jones et al., 2016). Segundo Prado (2014), não devemos ocultar a existência desses indivíduos, a EFE serve como disciplina que exerce poder sobre os corpos e viabiliza a construção de identidades.

Silveira (2023) por sua vez, sensibilizou seus participantes transversalmente através de conceitos de gênero e recursos audiovisuais para discutir as questões de gênero. A partir das sensibilizações, os alunos do curso de Licenciatura em Educação Física tiveram que propor intervenções a serem aplicadas nas aulas de EFE para desconstruir estigmas e preconceitos de identidade de gênero e orientação sexual.

O uso de práticas transversais é a proposta mais aceita atualmente e se correlaciona com o PCN de orientação sexual (Brasil, 1997, p. 87):

[...] optou-se por integrar a Orientação Sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais, por meio da transversalidade, o que significa que tanto a concepção quanto os objetivos e conteúdos propostos por Orientação Sexual encontram-se contemplados pelas diversas áreas do conhecimento.

Pensando na atuação do Professor de Educação Física, temos as estratégias utilizadas por Gerdin e Mooney (2019), Fonseca, Cardozo e Oliveira (2023) e Pereira e Ferreira (2024). O diálogo entre professor e aluno e a inserção de currículos práticos para a desconstrução das questões de gênero nas aulas de EFE foram fundamentais para alcançar os objetivos de inclusão nesses estudos.

Gerdin e Mooney (2019) entretanto, possui uma diferença em seu meio de alcançar a inclusão e equidade: o uso exclusivo de discussões e sensibilizações em grupo, não se atrelando a práticas corporais que possam desconstruir conceitos e estereótipos dos alunos, ainda mais no contexto estudado, que é uma escola exclusiva para meninos.

Apesar do apagamento do termo gênero na BNCC (Costa, 2021), o uso de práticas corporais não usuais apresentou um resultado satisfatório visto que foi uma maneira a qual os estudantes puderam se equiparar em termos de habilidade motora. Pereira e Ferreira (2024) introduziu o tênis, o ultimate frisbee, o beisebol, a bocha etc., como modalidades a serem repensadas para a equidade na escola.

A esportivização e a imposição de práticas padronizadas são um problema da EFE visto a exclusão e a violência que esse modelo acarreta (Gerdin et al., 2018; Lima; Pessoa; Pereira, 2022), contudo, quando as aulas são direcionadas a contribuir para novos aprendizados e novas práticas corporais, abre-se ali a oportunidade para a desconstrução de preconceitos. Pereira (2025) sugeriu em seu estudo práticas corporais

mistas, como pique-bandeira, minijogos de futsal, minijogos de handebol para atingir esse objetivo.

O segundo ponto aqui recaiu sobre a discussão em grupo sobre aspectos de gênero e sexualidade na EFE, Gerdin e Mooney (2019) provocaram os meninos para repensarem comportamentos heteronormativos e atitudes que podem gerar a exclusão nas aulas. Fonseca, Cardozo e Oliveira (2023) por sua vez, apresentou em forma de conteúdo de ensino, vídeos, fotos e práticas corporais que geralmente são praticadas por meninas, como ginástica e dança, para a desconstrução dos temas de gênero.

Relembramos novamente dos documentos como os PCNs e a BNCC (Brasil, 1997; 2017), que reforçam a necessidade de uso de temas transversais nas aulas com o objetivo de promover a equidade entre os estudantes. Fato esse que estudos como de Gerdin e Mooney (2019), Lisahunter et al. (2022) e Fonseca, Cardozo e Oliveira (2023) não apresentaram.

Citando Santos e Silva (2021, p. 11): “[...] a heteronormatividade é o regimento conhecido e disseminado que ensina práticas educativas de socialização nas instituições e em família e que automaticamente nos induz a estarmos frisando sempre o que é certo ou errado a determinado gênero.”

Aqui se retoma a discussão sobre o conhecimento específico do docente, pois, sem o preparo adequado, o professor não possuirá as fontes necessárias para debater as problemáticas nas aulas. As produções audiovisuais, bem como o uso da linguagem serão práticas pedagógicas futuras que serão adotadas, visto as necessidades da instituição escolar atual e a compreensão da realidade social, política e discursiva (Carreira; Carvalho, 2024).

Os conteúdos de ensino aplicados por Fonseca, Cardozo e Oliveira (2023) compreendem métodos dos quais os Professores de Educação Física podem desconstruir pré-conceitos em

sala de aula. As danças, bem como as ginásticas (conteúdos geralmente associados ao público feminino) permitiu que os estudantes ressignificassem estereótipos de gênero.

Portanto, reforça a ampliação do espectro de atividades como um bom meio de repensar as práticas corporais que são impostas nas aulas de EFE, visando a inclusão e equidade de todos os estudantes (Cairney et al., 2012; Ferreira, 2015; Fonseca; Ramos, 2017). Segundo Fonseca, Cardozo e Oliveira (2023), tais estratégias permitiram que o imaginário social do que representa gestos e atitudes masculinas ou femininas foram desconstruídos e propiciou um ambiente plural de prática.

Em síntese, todas as estratégias apresentadas desconstruíram algum aspecto de exclusão na escola, incipiência pedagógica ou meios para a inclusão e equidade. Contudo, os temas apresentados necessitam que seja promovida uma inter-relação entre eles, pois, a simples aplicação de conteúdos que refletem gênero na formação inicial não garantem sua aplicação e eficácia.

Do mesmo modo, a aplicação de estratégias de inclusão nas aulas de EFE, podem não surtir o efeito esperado a longo prazo, visto que a EFE é só uma disciplina ao longo da educação escolar, e essa proposta de reconhecimento e valores de aceitação do 'outro' devem ser apegados ao longo de toda a vida do sujeito. Aqui se compreende a necessidade dita por Ribeiro (2023) sobre que a importância de tratar do assunto recai sobre todas as disciplinas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo se concentrou em analisar as estratégias utilizadas por professores/pesquisadores da área da EFE em que as intervenções propiciaram um ambiente mais inclusivo e equitativo no que tange às questões de gênero e sexualidade.

Partindo dessa premissa, identificamos que os estudos incluídos na revisão sistemática realizada sustentaram suas estratégias em duas frentes: estudos de intervenção na formação inicial ou continuada de Professores de Educação Física; e estudos de intervenção na atuação do Professor de Educação Física na instituição escolar.

No ambiente de formação, os estudos focaram em desenvolver caminhos pedagógicos para que os (futuros) professores pudessem obter o conhecimento necessário sobre a temática e para que sejam capazes de intervir no campo de atuação. Para a escola, os estudos evidenciaram práticas corporais distintas do padrão, discussões em grupo e conteúdos de ensino sobre mulheres no esporte, gênero e inclusão para desconstruir estereótipos carregados na mentalidade das crianças.

Como limitações, podemos identificar que não é possível garantir que as estratégias utilizadas por estudos na formação inicial ou continuada garantem a inclusão e equidade no que visando gênero na escola, visto que as realidades e as individualidades que serão encontradas nesses espaços são imprevisíveis, portanto, é necessário que seja feita uma avaliação correta das deficiências que o local de aplicação esteja demandando.

Durante a revisão, também percebemos que o uso do termo 'sexualidade' a fim de especificar melhor o tema proposto, pode ter sido uma limitação pois demais artigos que poderiam ou não serem úteis a fim de responder o objetivo desse trabalho não foram apresentados nas bases de dados citadas.

Sugerimos como novos encaminhamentos, analisar a possibilidade de aplicação de intervenções transversais e como conteúdo de ensino durante a formação inicial, com intuito que o graduando adquira o conhecimento para lidar com as problemáticas de gênero e sexualidade durante a atuação profissional.

REFERÊNCIAS

- BEAUVOIR, S. **O Segundo Sexo: A experiência vivida**. Traduzido por Sérgio Millet. 2. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967. 499 p.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: Ministério da Educação, 2017. 596 p.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Orientação Sexual**. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, 1997. p. 72-110.
- BRITZMAN, D. P. O que é esta coisa chamada Amor: Identidade homossexual, educação e currículo. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 21, n. 1, p. 71-96, jan./jun. 1996. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71644/0>. Acesso em: 27 ago. 2025.
- BUTLER, J. Performative Acts and Gender Constitution: An Essay in Phenomenology and Feminist Theory. **Theatre Journal**, [S.l.], v. 40, n. 4, p. 519-531, dez. 1988. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/3207893?seq=1&cid=pdf-reference#references_tab_contents. Acesso em: 01 ago. 2025.
- CAIRNEY, J. et al. Gender, Perceived competence and the Enjoyment of Physical Education in Children: A longitudinal examination. **International Journal of Behavioral Nutrition and Physical Activity**, [S.l.], v. 9, [S.n], p. 26, 2012. Disponível em: <https://ijbnpa.biomedcentral.com/articles/10.1186/1479-5868-9-26>. Acesso em: 01 out. 2025.
- CAMPOS, L. S. Gênero na formação docente da UFRRJ e na Educação Física escolar do Ensino Médio: um debate sobre discriminações. 2021. **Dissertação (Mestrado em Educação) - Instituto de Educação/Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro**, Seropédica/Nova Iguaçu, 2021. Disponível em: <https://rima.ufrj.br/jspui/handle/20.500.14407/13140>. Acesso em: 31 jul. 2025.
- CARREIRA, R. A. R.; CARVALHO, L. F. S. **Linguagem neutra e letramento inclusivo-incisivo. Descentrada**, Buenos Aires, v. 8, n. 1, p. e221, mar./ago. 2024. Disponível em: <https://sedici.unlp.edu.ar/handle/10915/169325>. Acesso em: 24 set. 2025.
- CHAN-VIANNA, A. J.; MOURA, D. L.; MOURÃO, L. **Educação Física, Gênero e Escola: Uma análise da produção acadêmica. Movimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 149-164, abr./jun. 2010. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/9492>. Acesso em: 09 set. 2025.
- COSTA, S. N. Gênero e sexualidade na escola: em cena o estudo das contribuições das políticas para a formação docente no Ensino Médio, os Núcleos de Gênero e Projeto Andanças em Pernambuco. 2021. **Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal Rural de Pernambuco**, Recife, 2021. Disponível em: <http://www.tede2.ufrpe.br:8080/tede2/handle/tede2/9050#preview-link0>. Acesso em: 24 set. 2025.
- DEVÍS-DEVÍS, J. et al. Looking back into trans persons' experiences in heteronormative secondary physical education contexts. **Physical Education and Sport Pedagogy**, [S.l.], v. 23, n. 1, p. 103–116. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/17408989.2017.1341477>. Acesso em: 01 ago. 2025.
- FERREIRA, L. D. Relações de Gênero no Cotidiano da Educação Física: Reprodução ou Desconstrução? **Revista de Ensino, Educação e Ciências Humanas**, Londrina, v. 16, n. 1, p. 61-65, jan. 2015. Disponível em: <https://revistaensinoeducacao.pgsskroton.com.br/article/view/351>. Acesso em: 31 jul. 2025.
- FIGUEIRÓ, M. N. D. **Homossexualidade e Educação Sexual: Construindo o respeito à diversidade**. Londrina: UEL, 2007. 101 p.

- FONSECA, M. P. S.; CARDOZO, L. F.; OLIVEIRA, V. B. G. Questões de gênero em movimento na Educação Física escolar: tensionamentos e reflexões na perspectiva inclusiva. **Revista Educação e Emancipação**, São Luís, v. 16, n. 1, p. 414–439, 2023. Disponível em: <https://cajapio.ufma.br/index.php/reducacaoemancipacao/article/view/17954>. Acesso em: 26 ago. 2025.
- FONSECA, M. P. S.; RAMOS, M. M. R. Inclusão em movimento: discutindo a diversidade nas aulas de educação física escolar. In: PONTES JUNIOR, J. A. F. (Org.). **Conhecimentos do professor de educação física escolar**. Fortaleza: EDUECE, 2017. p. 184-208.
- FOUCAULT, M. **História da Sexualidade 1: A vontade de saber**. Traduzido por Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 13. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988. 178 p.
- GALVÃO, T. F.; PEREIRA, M. G. Revisões sistemáticas da literatura: passos para sua elaboração. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, Brasília, v. 23, n 1, p. 183-184, jan./mar. 2014. Disponível em: http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-49742014000100018. Acesso em: 25 ago. 2025.
- GERDIN, G. et al. Researching social justice and health (in)equality across different school Health and Physical Education contexts in Sweden, Norway and New Zealand. **European Physical Education Review**, [S.l.], v. 25, n. 1, p. 273-290, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1356336X18783916>. Acesso em: 24 set. 2025.
- GERDIN, G.; MOONEY, A. Pleasure games (of truth) in boys' schooling: Interrogating Gender and Sexuality Through a Pleasure Lens. In: MANTIN, A. D.; STROM, K. J. (Org.). **Exploring Gender and LGBTQ Issues in K–12 and Teacher Education: A Rainbow Assemblage**. Charlotte: Information Age Publishing, 2019. p. 53-69.
- GERDIN, G.; SCHENKER, K.; LINNÉR, S. Understandings and enactments of social justice pedagogies in Swedish physical education and health practice. **European Physical Education Review**, [S.l.], v. 20, n. 0, p 1-21, 2024. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1356336X241285619>. Acesso em: 26 ago. 2025.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. 175 p.
- GOELLNER, S. V. A educação dos Corpos, dos Gêneros e das Sexualidades e o reconhecimento da Diversidade. **Cadernos de Formação RBCE**, [S.l.], v. 1, n. 2, p. 71-83, mar. 2010. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/cadernos/article/view/984>. Acesso em: 31 jul. 2025.
- GOMES, B. B. R.; NEVES JÚNIOR, C. L. **Educação Física escolar: inclusão, equidade e competição - conceitos e ações**. **Evidência**, [S.l.], 2024. Disponível em: <https://ojs.uniaraxa.edu.br/index.php/evidencia/article/view/415>. Acesso em: 31 jul. 2025.
- HERRICK, S. S. C.; BAUM, T.; DUNCAN, L. R. Recommendations from LGBTQ+ adults for increased inclusion within physical activity: a qualitative content analysis. **Translational Behavioral Medicine**, [S.l.], v. 12, n. 3, p. 454–465, mar. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/tbm/ibab154>. Acesso em: 02 set. 2025.
- HERRICK, S. S. C.; DUNCAN, L. R. A systematic scoping review of physical education experiences from the perspective of LGBTQ+ students. **Sport, Education and Society**, [S.l.], v. 28, n. 9, p. 1099–1117, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/13573322.2022.2071253>. Acesso em: 31 jul. 2025.
- HUNGER, D. A. C. F. et al. **Formação acadêmica em Educação Física: “Corpos” (Docente e Discente)**

de conhecimentos fragmentados... Motriz, Rio Claro, v. 15, n. 1, p. 79-91, jan./mar. 2009. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/view/2155>. Acesso em: 02 set. 2025.

JONES, T. et al. **Intersex: Stories and Statistics from Australia**. Cambridge: Open Book Publishers, 2016. 274 p.

KATZ, J. N. **A Invenção da Heterossexualidade**. Traduzido por Clara Fernandes. 1. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996. 272 p.

LIMA, E. S.; PESSOA, K. L. E. C.; PEREIRA, A. S. M. **Dentro e fora da fronteira: corpos que subvertem a norma hegemônica de gênero e sexualidade nas aulas de Educação Física**. Motrivivência, Florianópolis, v. 34, n. 65, p. 1-18, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/85841>. Acesso em: 01 ago. 2025.

LINS, L. B. M. **A Educação Física escolar e as questões de gênero: um relato de experiência**. EFDeportes, Buenos Aires, v. 23, n. 243, p. 1, 2018. Disponível em: <https://efdeportes.com/efdeportes/index.php/EFDeportes/article/view/131/246>. Acesso em: 09 set. 2025.

LISAHUNTER. et al. Intersex awareness and education: what part can health and physical education bodies of learning and teaching play? Sport, **Education and Society**, [S.l.], v. 28, n. 9, p. 1047-1067, 2022. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/13573322.2022.2115477>. Acesso em: 26 ago. 2025.

LOURO, G. L. Corpo, Escola e Identidade. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 25, n. 2, p. 59-76, jul./dez. 2000. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/46833>. Acesso em: 31 jul. 2025.

LOURO, G. L. **Gênero, Sexualidade e Educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 1997. 179 p.

MARTINS, C. K. O. Os Saberes sobre Gênero e Sexualidade na Formação Inicial e Continuada de Professores e Professoras de ciências da Rede Municipal de Ensino de Campo Grande – MS. 2021. **Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências) – Instituto de Física, Universidade Federal do Mato Grosso do Sul**, Campo Grande, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufms.br/handle/123456789/4279>. Acesso em: 02 set. 2025.

MATOS, J. M. C. Educação sexual e gênero: representações sociais de professoras (es) que atuam no ensino médio. 2021. **Dissertação (Mestrado em Educação Sexual) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho”, Araraquara**, 2021. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/c9f309cd-1953-4b48-941f-73ece1e927a4/content>. Acesso em: 02 set. 2025.

MATOS, N. R. et al. **Discussão de gênero nas aulas de Educação Física: uma revisão sistemática**. Motrivivência, Florianópolis, v. 28, n. 47, p. 261-277, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2016v28n47p261>. Acesso em: 09 set. 2025.

MONTEIRO, K. F.; GRUBBA, L. S. A luta das mulheres pelo espaço público na primeira onda do feminismo: de sufragettes às sufragistas. **Direito & Desenvolvimento**, João Pessoa, v. 8, n. 2, p. 261-278, 2017. Disponível em: <https://periodicos.unipe.br/index.php/direitoedesenvolvimento/article/view/563>. Acesso em: 27 ago. 2025.

PAGE, M. J. et al. **The PRISMA 2020 statement: an updated guideline for reporting systematic reviews. The British Medical Journal**, Londres, v. 372, n. 71, p. 1-9, mar. 2021. Disponível em: <https://www.bmj.com/content/bmj/372/bmj.n71.full.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2025.

PEREIRA, A. P.; FERREIRA, H. J. **Relações de gênero na marginalização dos corpos nas aulas de Educação Física: um processo coletivo de enfrentamento com estudantes do ensino médio. Temas em Educação Física Escolar**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. e2428, 2024. Disponível em: <https://portalespiral.cp2.g12.br/index.php/temasmedfisicaescolar/article/view/4201>. Acesso em: 26 ago. 2025.

PEREIRA, C. A. C. Vivências e reflexões entre estudantes sobre os conflitos nas aulas de Educação Física. 2025. **Dissertação (Mestrado em Docência para a Educação Básica) - Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista**, Bauru, 2025. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/entities/publication/487c2593-afc9-4f0a-99ae-4a225e71b3bd>. Acesso em: 24 set. 2025.

PRADO, V. M. Entre ditos e não ditos: a marcação social de diferenças de gênero e sexualidade por intermédio das práticas escolares da Educação Física. 2014. **Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”**, Presidente Prudente, 2014. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/entities/publication/016ccc09-eb78-4227-b74d-7e340cf1f984>. Acesso em: 09 set. 2025.

RIBEIRO, S. L. Relações de gênero na Educação Física: revisão sistemática a partir de periódicos científicos da Educação Física brasileira. 2023. **Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física) – Departamento de Educação Física, Universidade Federal de Sergipe**, São Cristóvão, 2023. Disponível em: https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/19242/2/Sara_Lopes_Ribeiro.pdf. Acesso em: 29 abr. 2026.

SANTOS, G. F.; SILVA, J. S. Formação Docente e Diversidade de Gênero no Ensino Superior: Uma análise das matrizes curriculares. *Research, Society and Development*, Vargem Grande Paulista, v.10, n. 12, p. e113101219937, 2021. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/19937>. Acesso em: 27 ago. 2025.

SCOTT, J. **Gênero: Uma categoria útil para análise histórica**. Traduzido por Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. 2. ed. Recife: SOS CORPO – Gênero e Cidadania, 1995. 21 p.

SILVA, F. A. F. Consensos e dissensos sobre a diversidade sexual e LGBTFOBIA na escola: quem fala, quem sofre, quem nega. 2019. **Dissertação (Mestrado em Educação Contemporânea) – Universidade Federal de Pernambuco**, Caruaru, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/36147>. Acesso em: 02 set. 2025.

SILVA, G. G. M.; MARANI, V. H. Gênero, Sexualidade e Educação Física: Reflexões acerca do currículo em universidades federais brasileiras. **Revista Espaço do Currículo**, João Pessoa, v. 15, n. 3, p. 1-15, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rec/article/view/62174>. Acesso em: 27 ago. 2025.

SILVA, J. P. A.; CARMO, V. M.; RAMOS, G. B. J. R. As quatro ondas do feminismo: lutas e conquistas. **Revista de Direitos Humanos em Perspectiva**, Florianópolis, v. 7, n. 1, p. 101-122, jan./jul. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.26668/IndexLawJournals/2526-0197/2021.v7i1.7948>. Acesso em: 27 ago. 2025.

SILVA, W. A.; WERLE, V. As relações de gênero e o trabalho pedagógico do professor e da professora

de Educação Física escolar: temas persistentes e emergentes. **Temas em Educação Física Escolar**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. e2428, 2024. Disponível em: <https://portalespiral.cp2.g12.br/index.php/temasemedfisicaescolar/article/view/4205>. Acesso em: 01 ago. 2025.

SILVEIRA, S. R. Preparação profissional e Formação de professor em Educação Física e Esporte: Perspectivas a partir da prática. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 33, n. 1, p. 145-155, jan./mar. 2019. Disponível em: <https://revistas.usp.br/rbefe/article/view/170282>. Acesso em: 02 set. 2025.

SILVEIRA, S. R. Questões de gênero na formação de professores de Educação Física Escolar: pensando e formando para a equidade, diversidade cultural e educação inclusiva. 2023. **Tese (Livre Docência) – Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo**, São Paulo, 2023. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/livredocencia/39/tde-02042025-125327/pt-br.php>. Acesso em: 26 ago. 2025.

SOUSA, E. S.; ALTMANN, H. **Meninos e meninas: Expectativas corporais e implicações na Educação Física escolar**. **Caderno Cedes**, Campinas, v. 19, n. 48, p. 52-68, ago. 1999. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/WmskFBM75bMM855MZYhYvgb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 09 set. 2025.

STORR, R. et al. ‘Game to play?’: barriers and facilitators to sexuality and gender diverse young people’s participation in sport and physical activity. **Sport, Education and Society**, [S.l.], v. 27, n. 5, p. 604–617, 2021. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/13573322.2021.1897561>. Acesso em: 02 set. 2025.

TANI, G. A Educação Física e Esporte no contexto da Universidade. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 25, n. esp., p. 117-126, dez. 2011. Disponível em: <https://revistas.usp.br/rbefe/article/view/16848>. Acesso em: 01 set. 2025.

TANI, G. **Cinesiologia, Educação Física e Esporte: Ordem emanante do caos na estrutura acadêmica**. **Motus Corporis**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 9-50, dez. 1996. Disponível em: <https://cev.org.br/biblioteca/motus-corporis-1996-n2-v3/>. Acesso em: 02 set. 2025.

TANI, G. **Perspectivas para a Educação Física Escolar**. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v. 5, n. 1/2, p. 61-69, jan./dez. 1991. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rpef/article/view/138267>. Acesso em: 02 set. 2025.

THORJUSSEN, I. M. Social inclusion in multi-ethnic physical education classes: Contextualized understandings of how social relations influence female students’ experiences of inclusion and exclusion. **European Physical Education Review**, [S.l.], v. 27, n. 2, p. 384-400, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1356336X20946347>. Acesso em: 01 ago. 2025.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA. **Manual para garantir inclusão e equidade na educação**. Traduzido por Laís Canuto. Brasília: UNESCO, 2019. 42 p.

WEEKS, J. **O Corpo e a Sexualidade**. Traduzido por Tomaz Tadeu da Silva. In: LOURO, G. L. (Org.). **O Corpo Educado: Pedagogias da sexualidade**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 24-61. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/30353576.pdf>. Acesso em: 27 ago. 2025.